

Cidades e Exposições Internacionais: da “Stone in a Pond” ao “Meteorite from Another World”

Cities and World Fairs: From “A Stone in a Pond” to “A Meteorite from Another World”

Clovis Ultramari¹

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
ultramari@yahoo.com

Gisela Solheid Meister¹

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
gicameister@me.com

RESUMO - O presente artigo propõe uma discussão sobre cinco Exposições Internacionais norte-americanas e suas relações com as cidades sede. O recorte temporal corresponde ao período de apogeu desses eventos no país: *Centennial Exposition*, em Filadélfia, 1876; *World's Columbian*, em Chicago, 1893; *Pan American Exposition*, em Buffalo, 1901; *Louisiana Purchase Exposition*, em St. Louis, 1904; e *Panama-Pacific Internt'l Expo*, em San Francisco, 1915. A fonte principal de informações é o banco de dados *Chronicling America*, o qual disponibiliza aproximadamente 2 mil jornais *online*. O objetivo do artigo é discutir como esses eventos foram compreendidos pelas suas sociedades contemporâneas e eventuais distinções ou convergências com compreensões sobre aqueles de nossa atualidade. Suas conclusões atentam – distintamente do observado na atualidade – para uma intrigante e generalizada apologia aos eventos e para a dormência de eventuais polêmicas que eles possam gerar: a hipótese de que a atual crítica a esses eventos seria similar em conteúdo, forma e volume ao período analisado (1876-1915) não se confirmou. O referencial teórico permeia o texto e prioriza as distinções entre a percepção à época das cinco exposições analisadas e aquela mais comum atualmente a respeito de grandes eventos urbanos.

Palavras-chave: grandes exposições internacionais, *city marketing*, epistemologia dos estudos urbanos.

ABSTRACT - This paper discusses the understanding revealed by the media about five World Fairs held in the United States: Centennial Exposition, Philadelphia, 1876; World's Columbian, Chicago, 1893; Pan American Exposition, Buffalo, 1901; Louisiana Purchase Exposition, St. Louis, 1904; and Panama-Pacific International Expo, San Francisco, 1915. The main source of data for the case study is the Chronicling America Project, with two thousand newspapers online. The objective of this article is to compare reactions to these events in their contemporary societies and identify possible distinctions and convergences when compared to ours. Its conclusions reveal an intriguing and ubiquitous apology for these events and the dormancy of controversies they may have generated: The hypothesis that current criticism would be similar in content, form and volume to the analyzed period (1876-1915) was thus not confirmed. The theoretical reference permeates the text and prioritizes distinctions between the perception of the five selected fairs at the time they were held and those more commonly found nowadays concerning large urban events.

Keywords: great exhibitions, city marketing, epistemology of urban studies.

Introdução

Exposições Internacionais são recorrentemente entendidas como catalisadoras para se discutir questões sociais e urbanas do país ou da cidade onde são realizadas. Esse atributo instigador tem sido crescentemente exercido, ampliando para o nível globalizado, conforme já anunciado na criação desses eventos, os quais conclamavam “todas

as nações” para aí se apresentarem. O avanço dos debates e o acirramento de posições hoje colocam em dúvida a própria validade das Exposições. Manifestações em relação à Expo Milano (2015) revelaram, a um tempo, a intrínseca característica que incentiva debates sobre o contexto em que são realizadas e sobre suas próprias pertinências. Nas manifestações de rua, dizia-se: “*Você nos esfolou, hoje você paga*” (*The Guardian*, 2015, tradução livre).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Rua Imaculada Conceição, 1155, 80215-901, Curitiba, PR, Brasil.

Posicionamentos como esse, frequentes em grandes eventos internacionais, revelam uma importância que lhes é atribuída, ironicamente, pelos seus próprios detratores: ainda que discordando dos seus objetivos ou da própria realização desses eventos, não deixam de dar sinais da relevância que lhes emprestam. Com o desejo explícito, de determinados grupos políticos ou econômicos, de promover ou criar um ambiente de “modernidade” onde “tudo está resolvido”, tem-se um cenário propício para o debate sobre questões diversas, aí incluindo, por exemplo, aquelas referentes a conflitos de interesse social e prioridades no uso do recurso público.

A despeito de abrangerem inúmeros formatos e nomes, parece haver concordância na literatura internacional de que a primeira grande exposição teria sido a de 1851 – Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de todas as Nações –, em Londres. A partir de então, segue-se uma longa lista com cidades buscando, tal qual na atualidade, uma distinção na rede urbana internacional ou, minimamente, um destaque para o país que as promove. Em 1928, é criado o *Bureau International des Expositions* (BIE), o qual determinaria a seleção da cidade sede, a temática expositiva, modos de organização e desenho financeiro. Com isso, estabelece-se uma tipologia das exposições: aquelas realizadas anteriormente à criação do BIE, denominadas de Históricas, as independentes, as quais não seguem as determinações do BIE, e as Universais, Internacionais ou *World Fairs*, as quais obrigatoriamente se submetem às regras deste *Bureau*. A despeito do marco histórico identificado para a Exposição de 1851, Luckhurst, em seu trabalho sobre a história das Exposições Internacionais, remete sua origem para as feiras europeias da Idade Média. O mesmo autor, para exemplificar a anterioridade das Exposições, cita Daniel Defoe [1660-1731], o qual registra a existência pretérita de tais eventos, destacando a Cambridge Fair, de 1723, como “[...] não é maior de todo o país, mas do mundo” (Defoe *in* Luckhurst, 1951, p. 12, tradução livre)

A preocupação com a categorização desses eventos igualmente não se limita ao estabelecido pelo BIE. Lewis Mumford, ao fazer a crítica arquitetônica dos grandes projetos presentes nas Exposições Internacionais que visitou, limita seu entendimento àquilo comum a seu tempo, a partir de uma síntese dos principais atributos, combinando mercado, triunfo nacional e espetáculo urbano. Para Mumford, especificamente em relação ao papel da arquitetura, essa deveria garantir a lucratividade, a diversão e o valor museográfico do evento: “Todos que foram para Chicago disseram que foram os visitantes que realmente tornaram o espetáculo interessante” (Mumford *in* *The New York Times*, 1937, p. 130, tradução livre).

A despeito dessa origem referencial mais distante no tempo, a Exposição Universal de Londres de 1851 torna-se exemplo para as que lhe seguiriam, parecendo sempre reinventar-se e inaugurando um longo período

de replicabilidades. Essa tem sido a reprodução de um modelo que se acreditou funcionar, seja para demonstrar os “avanços” de um país, seja para (re)inserir a cidade sede em nova posição hierárquica no cenário internacional, seja ainda para atender a interesses de uma demanda de mercado e do grupo privado que participa de sua urbanização.

Temos exposições de quase todas as coisas possíveis e impossíveis sob o sol – exposições de porcos, de pinturas, de performances de pulgas, de papagaios, [...] de máquinas a vapor e de bebês. Temos encontros nacionais e internacionais, shows locais, vocais e rurais. A lista parece tudo menos completa; no entanto, como não há nada mais fértil do que a imaginação de exhibir a humanidade, novos acréscimos entram todos os dias (Hoffenberg, 2001, p. xiii, tradução livre).

O perfil expositivo que se inicia com a Exposição de 1851 está certamente inserido no seu tempo e é, assim, comumente entendido na literatura como grandes “laboratórios exibicionistas” (Santos, 2013), demonstrações imperialistas de países que avançavam com suas industrializações e a construção de suas burguesias nacionais. Hobsbawm, qualificando o recorte temporal de análise aqui adotado como de grande desenvolvimento econômico e de um mundo de impérios, vai além e qualifica as Exposições como tentativas de afirmação da superioridade racial europeia e norte-americana:

[...] é impossível negar que a superioridade em relação a um mundo de peles escuras situado em lugares remotos e sua dominação era autenticamente popular; beneficiando assim a política do imperialismo. Em suas grandes exposições, a civilização burguesa sempre se orgulhará do triunfo triplo da ciência, da tecnologia e das manufaturas (Hobsbawm, 2002, p. 52, tradução livre).

Do mesmo modo que para os demais chamados grandes eventos, como os Jogos Olímpicos, Copas do Mundo de Futebol ou os Grandes Projetos Urbanos que os abrigam, a literatura que se produz sobre as grandes exposições é construída de modo não conciliatório: de um lado, a leitura que valoriza os impactos de sua implantação, uso e legado; de outro, aquela fundamentada em análises anteriores com ostensivas comprovações de problemas diversos em termos de prioridade social e uso do recurso público (Ultramar e Zaitter, 2010). Ultramar e Ciffoni (2014), ao debaterem as obras do Barão de Haussmann – grandes projetos com impactos tipologicamente semelhantes ao das estruturas urbanas e arquitetônicas para eventos como as Exposições –, igualmente observam uma constante polarização entre o júbilo que caracteriza seus defensores mais distantes da realidade parisiense e a crítica comumente expressada pelos seus habitantes locais. A inauguração da Grande Exposição de 1851, em Londres, parece iniciar esse modo de exacerbada celebração, de debate sobre os riscos de sua execução e críticas diversas quanto ao uso de recursos públicos. As citações a seguir exemplificam esses extremos de análise sobre

um mesmo evento. Em 2 de maio de 1851, o jornal *The Times* – à época, explicitamente vinculado à elite e à ideia da nação inglesas –, em tom apologético, publica: “Ela [Grande Exposição] dificilmente parecia ser montada por designers ou ser o trabalho de artífices humanos” (tradução livre). Do mesmo modo, Luckhurst cita a Rainha Vitória [1819-1901], presente na inauguração, a qual anota, em apoteose, no seu diário:

Aplausos tremendos, a alegria expressa em cada rosto, a imensidão do edifício, a mistura de palmeiras, flores, árvores, estátuas, fontes, o órgão [...] e o meu amado esposo, o autor deste Festival da Paz, que uniu as indústrias de todas as nações da terra; tudo isso foi comovente, e foi e será um dia para viver para sempre. Deus abençoe meu querido Albert, Deus abençoe meu querido país, que se mostrou tão grandioso hoje (Rainha Vitória in Luckhurst, 1951, p. 112, tradução livre).

A partir da Exposição de Londres de 1851, tais eventos ganham ainda mais evidência e vê-se então um forte e generalizado esforço em reproduzi-la, mesmo em países não centrais, como o Brasil, com sua Exposição do Centenário da Independência, em 1922, no Rio de Janeiro. Ao modo das suas similares, estavam aí presentes as mesmas intenções: demonstração de progresso, propaganda e venda de produtos, internalização de divisas, turistas, impacto sobre o espaço urbano, difusão de valores e de padrões de conduta, e prestígio nacional (Motta, 1992).

Se tais eram as intenções sempre presentes, variava o nível de sucesso em termos de número de visitantes, do grau de ineditismo dos produtos expostos, da construção de referências arquitetônicas, entre outros; ou mesmo uma própria distinção entre exposições realizadas e exposições propostas, projetadas, porém não concretizadas. Findling (1990) contabilizava, em 1988, 19 eventos que contavam com a oficialidade do BIE e com recursos investidos, revelando a complexidade do processo e disputas sobre a validade de tais Exposições serem realizadas.

Hoffenberg, ao analisar o impacto das Exposições Internacionais no espaço do império inglês e com referências mais detalhadas para a de 1851, compila outros estudos e, conciliatoriamente, conclui que elas produzem efeitos não apenas momentâneos, mas também legados de longa duração, seja no nível pessoal, seja no coletivo. Para este autor, enquanto partes do evento eram efêmeras, outras afetavam permanentemente “[...] as formas pelas quais a cultura material foi organizada e estudada, bem como as relações sociais e políticas” (Hoffenberg, 2001, p. 12, tradução livre).

De fato, não apenas a realização das Exposições provoca debates sobre a sociedade em geral, mas também sobre suas características muito específicas: seu conteúdo, sua arquitetura, seu design e organização, aglutinando um diálogo que ultrapassa os limites da monodisciplinaridade. Garn, por exemplo, faz um contraponto ao relato da Rainha Vitória sobre a Exposição de 1851 como um Festival da

Paz que ironicamente punha na vitrine o poderio bélico das nações: “[...] parte do Símbolo da Paz em 1851 foi a primeira apresentação dos Canhões Krupp” (Garn, 2007, p. 13, tradução livre). Do mesmo modo, com o apoio de seus governos nacionais, aí expunham seus produtos de guerra empresas francesas e norte-americanas.

Na literatura nacional, as Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, assim como a Copa do Mundo de Futebol de 2014, geraram não apenas uma grande densidade em termos de debate na grande mídia, mas igualmente de trabalhos acadêmicos. Tal volume de interesse pelo tema é confirmado pelo número de teses de doutorado depositadas no Banco da Capes: no restrito recorte entre 2011 e 2012 (dados disponíveis), encontram-se 28 pesquisas que debatem as Olimpíadas do Rio de Janeiro e 64 a Copa do Mundo de Futebol (Capes, 2016). Tal interesse e postura crítica já vinham sendo anunciados entre nós quando dos Grandes Projetos Urbanos que deram concretude e suporte para a realização dos referidos eventos e de uma gestão voltada para a espetacularização, turismo e capital privado (Arantes *et al.*, 2002; Harvey, 2000, 2001).

No outro extremo de análise – aquele vinculado diretamente ao propósito dos eventos e, portanto, explicitamente favorável –, as produções rareiam; porém, exceções são encontradas, sobretudo na literatura estrangeira. Wang e Sun exemplificam essa exceção, caracterizando as Olimpíadas, a Copa e as Exposições Internacionais como os poucos eventos que ainda exercem atração global, sendo as primeiras as únicas que justificam uma *visita*: “[...] ao contrário dos outros, a Expo não é um evento de mídia. Em vez disso, é melhor experimentado pessoalmente; conseqüentemente, não muito diferente de visitar um parque temático ou uma feira regional” (Wang e Sun, 2012, p. 5, tradução livre).

Para aquilo que interessa mais de perto neste artigo, reconhece-se, pois, a existência de um juízo de valor sempre exercido: seja o da crítica negativa, seja o daqueles que valorizam positivamente os grandes eventos. É também possível reconhecer que esse debate ou enfoques opostos e independentes ocorrem de modo mais comum para o caso de algumas áreas específicas: prioridade social, relação governo e setor privado, arte, arquitetura, urbanismo, design, sustentabilidade, *city marketing*. Este artigo procura demonstrar que esta é uma lista que se diversifica e se amplia ao longo do tempo, assim como a temática que cada uma das Exposições adota para atrair visitantes e se viabilizar financeiramente.

Para a análise do transcorrer deste tempo, de 1851 aos dias de hoje, o pressuposto que adotamos, para além da existência de juízos de valor recorrentes e de temas de debate mais comuns, é o de que há uma distinção entre o cenário avaliativo e crítico nos momentos mais pretéritos e no mais atual. Para o primeiro caso, a constância de posicionamentos é a da apologia; para a atualidade, tem-se a crítica generalizada ou minimamente sempre caracte-

rizada pelo forte questionamento. Lewis Mumford, em sua coluna *Sky Line*, no jornal *The New Yorker*, fez várias menções à importância das Exposições Internacionais, de sua arquitetura e do papel que os arquitetos aí possam ter. Todavia, sugere cautela para que essa mesma arquitetura não intencione suplantar sua própria função ou aquilo que abriga. Neste sentido, Mumford antecipa uma das críticas que atualmente esses eventos comumente recebem: o desejo de se justificarem por si só – a arquitetura pela arquitetura, como uma intenção parnasiana –, a despeito de seus custos: “[...] a melhor sugestão que posso apresentar para tornar a próxima exposição um sucesso arquitetônico [é] eliminar a arquitetura em si, tanto quanto possível, do cenário” (Mumford, 1937, tradução livre). Ainda assim, concordava com uma possível popularização da crítica arquitetônica junto a um público mais geral quando da realização desses eventos: “Exposições dramatizam a arquitetura para o público em geral” (Mumford, 1937, in *The New York Times*, tradução livre). Relativamente às mudanças na perspectiva com que tais eventos foram e são entendidos em seu período mais pretérito e no da atualidade, Mumford (1937) determina um divisor histórico quando analisa o resultado de Exposições passadas e de outras, de sua atualidade. Se, para Mumford, a Exposição de 1889, em Paris, se justifica pelo ineditismo da Torre Eiffel, e a de 1893, em Chicago, pela inauguração do Movimento *City Beautiful*, as de sua contemporaneidade resultam em pequenos impactos, advindos de obras pontuais. Para ele, se as primeiras significaram sempre uma referência na arquitetura que lhes seguiu, as demais limitaram-se a gerar sutis provocações. Sua constatação a respeito da redução simbólico-arquitetônica das Exposições ganharia ainda mais significado nos períodos que lhe seguiram. Para Mumford, as Exposições que seguiram a de Londres, em 1851, timidamente “[...] agiam como uma pedra em um lago, às vezes causando uma onda, às vezes uma onda de realização arquitetônica no estilo da feira em si” (in *The New York Times*, 08/05/1937, tradução livre). Assim, a Exposição de 1883, em Paris, a qual “[...] deu ao mundo a Torre Eiffel”, sugeriu o arranha-céu e o Movimento Art Nouveau; a de Chicago, em 1893, implicou uma enorme reprodução de um estilo arquitetônico adotado em seus centros cívicos de costa a costa nos Estados Unidos. A partir de então, ainda segundo Mumford, nada mais que pequenos impactos, “[...] um modesto meteorito vindo de outro mundo” (in *The New York Times*, tradução livre).

Este artigo contextualiza o debate acima descrito por meio de levantamento primário junto a mídias norte-americanas selecionadas, no limite daquilo que elas possam ou sugerem revelar. A partir da compreensão trazida por Mumford, o artigo tem como pressuposto a perda progressiva da atenção recebida pelas Exposições Internacionais e dos impactos que elas geram nas cidades sede. Ao mesmo tempo, reconhece a permanência da capacidade delas em aglutinar polêmicas sobre realidades urbanas.

As fontes da pesquisa

A leitura do processo histórico das cidades e de seus elementos obriga a juízos de valor contemporâneo para realidades e prioridades pretéritas, sugerindo erros ao julgarmos o passado pela ótica do presente. Há, de fato, uma preocupação recorrente na literatura sobre o risco de equívocos ao se interpretar fatos do passado a partir de critérios do tempo atual. Mais que isso, o *presentismo* que parece ser hegemônico nas avaliações contemporâneas (Hartog, 2014) distingue-se grandemente daquele do período aqui estudado das Exposições, no qual o *futurismo* explicava decisões societárias e muito daquilo que formalmente se desejou para os espaços urbanos de então. De fato, o olhar contemporâneo reflete um regime de historicidade ora de permanentes mudanças ora da permanência da própria transitoriedade, sem jamais permitir vislumbrar um futuro. Ironicamente, analisar as Exposições Internacionais no período 1876-1915 significa olhar para um momento em que o futuro é inegável, fazendo parte de seu próprio presente.

Para além das limitações de um olhar contemporâneo ou de um estudo diacrônico, conforme adotado por Saussure (1995), deve-se reconhecer também a sujeição às próprias experiências pessoais e às circunstâncias. Bachelard (2002 [1938]) dedicou muito de seus trabalhos a essa sujeição científica a perspectivas e interesses individuais. Do mesmo modo, as inserções em um ou outro campo epistêmico (Bourdieu, 1998) reforçam, explicam ou moldam as sínteses sobre um mesmo tema que exige posicionamentos distintos.

A restrição da análise não diz respeito apenas ao olhar do pesquisador, mas igualmente à fonte selecionada. O aparente consenso a respeito do objeto analisado neste artigo – a apologia da mídia selecionada em relação às Exposições – poderia revelar dissensos se buscadas fontes complementares caso se pudesse considerar minimamente o viés de setores da sociedade sem acesso a uma imprensa apologética ou mesmo com dificuldade de se expressar publicamente. O que não se pode negar é que a síntese aqui relatada revela um entendimento de um determinado grupo, num determinado tempo e por meio de uma determinada forma de expressão.

A pesquisa que aqui se apresenta tem como fonte principal a coleção de periódicos norte-americanos disponibilizada *on-line* e sem restrições de acesso pela Biblioteca do Congresso dos EUA, por meio do projeto *Chronicling America*. Este é um projeto de digitalização dos jornais impressos dos Estados Unidos, com uso gratuito, com constante adição de fontes e organizado segundo bancos de dados construídos em níveis estaduais. No momento desta pesquisa, o volume disponível de fontes era de quase dois mil jornais do país, totalizando 10 milhões de páginas; sua pretensão é a de acervar a totalidade dos jornais impressos no país no período 1836-1922, com a

prioridade de inserção no banco de informações digitais segundo a relevância do jornal à época de sua circulação (*Library of Congress*, 2015).

A despeito de este banco de informações ser considerado um dos mais completos dos Estados Unidos, ele não traduz a totalidade de jornais publicados nem a totalidade de suas edições. No caso do estado da Califórnia, por exemplo, esta fonte demonstrou inconsistências na cobertura das informações. Por esse motivo, para o caso da *Panama-Pacific International Exposition*, de 1915, em San Francisco, contou-se com a fonte complementar da *California Digital Newspaper Collection*, da Universidade da Califórnia. Na seleção de jornais e matérias procurou-se garantir diversidade de fontes, opiniões e eventuais pontos de vista distintos sobre um mesmo evento. Quando da observação de recorrência ou de singularidade de posicionamentos, essas foram ressaltadas na discussão do artigo, distinguindo aquilo que pode ser generalizado daquilo específico ou casual. A distinção entre inserção de matérias nas páginas interiores ou na primeira foi considerada reveladora da maior ou menor importância dada a elas. A investigação inicia com o uso de palavras chave – nome dos eventos –, o que permite reduzir o grande volume de material disponível.

A eventual consideração de que a mídia em questão represente apenas os interesses de uma elite econômica e cultural norte-americana é revista por Emery (1984), o qual estabelece 1833 como o ano em que surgem os chamados *penny papers*, dirigidos ao *common man*. Muitos dos jornais utilizados nesta pesquisa podem ser classificados nesta categoria: acessíveis ao leitor de menor renda. Emery ainda reduz uma possível crítica ao sensacionalismo ou mesmo leitura fácil que os jornais desse período possam conter ou priorizar: “Passada uma década do surgimento do primeiro jornal, a imprensa popular incluía publicações respeitáveis que ofereciam informações e liderança significativas” (Emery, 1984, p. 119, tradução livre).

A relação das Exposições Internacionais norte-americanas (*World's Fairs*) e a imprensa no período analisado foi bastante próxima: ora pelo interesse que o tema despertava junto aos leitores, ora por interesses específicos como o lançamento de produtos e máquinas que pudessem ser do próprio interesse da empresa editorial (Baldasty, 1992).

Com o uso dessas fontes, não há, evidentemente, a pretensão de tomá-las como expressão da verdade; ao contrário, há a consciência das limitações impostas por um meio de comunicação que está sujeito a variadas pressões e influências, entre as quais as econômicas e as culturais, como alerta Bourdieu (1998). No entanto, isto não diminui a importância dos jornais como fonte, uma vez que, em sua ligeireza e, por vezes, superficialidade, eles expressam (contra ou a favor) muito do pensamento dominante, daquilo que é considerado relevante ou sig-

nificativo pelos que têm poder para impor suas visões de mundo, e que acaba sendo incorporado (conscientemente ou não) como uma forma de pensamento médio, de senso comum, por largas parcelas da sociedade.

Consultar artigos publicados em jornais de outros tempos sobre cidades, seu planejamento e seu cotidiano distintos dos atuais, apresenta limitações: “A leitura da mídia nunca é fácil. A natureza da mídia consiste justamente em, muitas vezes, parecer inocente, benigna, mas, ainda assim ser incrivelmente complexa e muitas vezes insidiosa” (Steinberg, 2007, p. xiii, tradução livre). O fato, por exemplo, de os assuntos publicados pelos jornais pesquisados revelarem uma intrigante homogeneidade em termos de condescendência em relação a elementos e usos da cidade até o princípio do século XX leva inclusive a questionar o tipo de mídia que é utilizado como referência principal de pesquisa. Steinberg (2007), entretanto, ajuda a relativizar essa preocupação, ao, antes de se discutir a mídia, propor uma tipificação dos seus possíveis leitores: aqueles que a tomam do modo ligeiro (“*media consumers*”), aqueles que a consomem e a vivem (“*media sponge*”), aqueles que a negam e não acreditam na sua influência sobre o cotidiano, e aqueles que são céticos a respeito de tudo que nela leem. Com a lembrança dos obstáculos epistemológicos de Bachelard (2002) para explicar os limites da observação independente, e das ideias de Kuhn (2006 [1962]) sobre as parciais impostas pelos contextos presente e passado, compreende-se a maneira pela qual as notícias são apresentadas como um sentimento sincero em relação às cidades do seu tempo. Nessa pesquisa, permanece, então, a dificuldade de avaliar quanto de inocência e benignidade pode justificar a superficialidade encontrada no material selecionado. Resta ainda a ser mais discutido o quanto dessa superficialidade se justifica pela imposição de novidades, pela nova escala dos objetos em questão e pelas limitações de uma ciência urbana nascente.

Estudo de caso

A visualização e o espetáculo são constantemente reconhecidos pela literatura como atributos das Exposições Internacionais para a difusão de uma lógica burguesa. Pesavento, por exemplo, fala em “palcos de exibição do mundo burguês” (Pesavento, 1997, p. 55), e Barbuy considera a Exposição de 1889, em Paris, e certamente referência para suas congêneres nos EUA, como dirigida “às massas e por meio de formas determinadas de representação materializada que veicula conceitos e valores” (Barbuy, 1999, p. 49). Para essa autora, tais eventos são “manifestações especialmente ricas da sociedade do espetáculo, [...] de uma realidade forjada” (Barbuy, 1999, p. 50).

Imagem, competitividade e modernidade urbanas estariam sempre presentes na decisão de competir para

sediar um evento como o das *World's Fairs* ou então na forte conjunção de esforços para realizá-lo de fato. Everdell (2000), em seu conhecido estudo da história cultural norte-americana, situaria a cidade de Saint Louis, quando sediou a *Louisiana Purchase Exposition*, em 1904, como o momento em que o “modernismo chega ao Meio-Oeste norte-americano”. Para Everdell (2000), estaria aí presente neste momento uma conjunção social, econômica e política capaz de unir-se em um propósito dito “cívico” que não se restringia ao evento, apenas, mas abrangia uma conjunção maior que explica o próprio título de capítulo *Meet me in Saint Louis: o Modernismo chega ao Meio-Oeste norte-americano*. Para Everdell (2000), as forças econômicas e sociais que se postulavam como representantes hegemônicos de Saint Louis jamais aceitariam uma exposição urbana. Foi precisamente essa inadmissibilidade cívica que teria “[...] induzido seus líderes a concorrer contra Chicago pela Columbian Exposition de 1893 e a conquistar a próxima Feira Mundial para si próprios” (Everdell, 2000, p. 207, tradução livre).

De fato, apologia, receio e crítica estão sempre presentes no debate desses eventos, não apenas devido aos recursos logísticos e construtivos que exigem, mas sobretudo devido ao discurso que articulam e à realidade que desejam encenar. Rydell, na introdução de sua obra na qual revisita as Exposições realizadas nos Estados Unidos precisamente no período 1876-1916, anuncia-as da seguinte maneira:

Entre 1876 e 1916, quase cem milhões visitaram as exposições internacionais [...]. Os promotores dessas extravagâncias tentaram impulsionar o desenvolvimento econômico das cidades e regiões sede [...]. Eles mostravam a força econômica e os recursos artísticos da nação, destacando novas formas arquitetônicas e oferecendo modelos para o planejamento urbano. [...] a partir de uma perspectiva de classe particular (Rydell et al., 2000, p. 2, tradução livre).

A sequência das Exposições iniciadas em 1851 demonstra uma clara migração temática de um determinado modelo de desenvolvimento fundamentado na indústria e na ideia de uma grande nação construída por grandes feitos para um modelo internacional que se propõe a pensar questões humanas, sociais e ambientais. Do modelo de pujanças nacionais, como a “*Industry of all Nations*” que exibira a hegemonia britânica no mundo, em 1851, migra-se para temas globais como “*Feeding the Planet*”, na *Expo Milão 2015*. No percurso do nacional para o internacional, permanece a intenção da universalidade, sempre uma representação que se quer única e fidedigna de uma realidade, ironicamente, cada vez mais diversa.

Para a presente pesquisa selecionou-se a primeira página dos jornais disponíveis no período com início no ano anterior ao da inauguração da Exposição e término no ano subsequente. A palavra-chave utilizada foi o nome oficial de cada uma das cinco Exposições realizadas nos

Estados Unidos entre 1876, com a primeira Exposição Universal neste país, em Filadélfia, e 1915, com a Exposição de San Francisco. Todos os resultados foram lidos e sumarizados conforme os quadros elaborados. A opção por se trabalhar exclusivamente com cidades norte-americanas é justificada pela disponibilidade, de modo sistemático, da informação necessária. A decisão de se trabalhar com as Exposições chamadas Históricas objetiva garantir uma homogeneidade nos objetos analisados (Exposições de 1851 a 1933 são consideradas Históricas; a partir de 1935, em Bruxelas, são organizadas segundo as regras do BIE).

O resultado para cada uma das cinco Exposições selecionadas para a discussão em termos de primeiras páginas encontradas é apresentada no Quadro 1.

O material encontrado está resumido nos Quadros 2, 3, 4, 5 e 6. Há um número crescente de referências ao longo dos anos, assim como um proporcional incremento no próprio número de jornais publicados e disponíveis na fonte utilizada. Por esse motivo, optou-se aqui por trazer os resultados integrais referentes à *Centennial Exposition of Philadelphia* (1876) e a *World's Columbian*, em Chicago (1893). No caso da *Louisiana Purchase Exposition*, em St. Louis (1901), e da *Panama-Pacific International Exposition*, em San Francisco (1915), a despeito de haveremos realizado o levantamento integral, para adequação ao formato deste artigo optou-se pela transcrição apenas daquilo que lhes era particular.

A primeira constatação que se tem ao analisar os quadros apresentados é a da abundante referência feita pelos jornais da época às Exposições Internacionais, destacando atributos hoje dificilmente considerados de interesse do leitor contemporâneo. Chama a atenção o fato de questões hoje consideradas de menor importância – como o preço do pacote de pipoca ou questões trabalhistas com um funcionário – receberem destaque nas primeiras páginas de jornais: na insistência do detalhe, têm-se as Exposições como eventos intrínsecos de cidades que se querem competitivas, sem jamais escrutinar suas razões ou o interesse de seus organizadores. Desse modo, resta indiscutível a capacidade de as Exposições catalisarem um interesse generalizado e desprovido de crítica junto à população. Generaliza-se um pretenso acordo entre classes sociais e que também permeia distintas faixas etárias. Relato policial no jornal *The Sun* (26/06/1901) destaca o crescente número de meninos que fogem da casa dos pais para visitar a feira: “Tantos garotos fogem de casa em direção à Exposição Pan-Americana [...] que a polícia de Albany os envia de volta por barco em grupos [...] alguns dos fugitivos têm 10 ou 11 anos de idade” (tradução livre).

A presença de dignitários estrangeiros nos eventos sugere que, ainda que em menor escala, havia uma atenção de um público estrangeiro aos programas desses eventos, aos produtos expostos e sobretudo às estruturas arquitetônicas que davam suporte às suas realizações. Com a presença estrangeira, a intenção tácita de se impor um

Quadro 1. Número de primeiras páginas com menção ao evento nos jornais pesquisados.

Chart 1. Amount of selected newspapers front pages mentioning the event.

Cidade/Ano	Exposição	Nº edições com referência ao evento	Nº edições pesquisadas (primeiras páginas)
Filadélfia, Pensilvânia, 1876	Centennial Exposition	253	21
Chicago, Illinois, 1893	World’s Columbian	225	35
Buffalo, New York, 1901	Pan American Exposition	958	44
St. Louis, Missouri, 1904	Louisiana Purchase Exposition	1136	126
San Francisco, Califórnia, 1915	Panama-Pacific Intern’l Expo.	2188	36

Fonte: Biblioteca do Congresso Norte-Americano. Principais jornais por estado. Obs.: Para a Panama-Pacific International Exposition utilizou-se a fonte *California Digital Newspaper Collection*, da Universidade da Califórnia. Neste caso, em vez da seleção pela primeira página, o sistema oferece a seleção por artigos com a palavra-chave no título.

Quadro 2. Centennial Exposition, Filadélfia, 1876. Referência em jornais do estado da Pensilvânia.

Chart 2. Centennial Exposition, Philadelphia, 1876: Mentions in the State of Pennsylvania newspapers.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>The Carbon Advocate</i> , 15/04/1876	Regulamentos aprovados em lei para funcionamento do Evento.
<i>The Jeffersonian</i> , 09/11/1876	Menção indireta
<i>The Elk County Advocate</i> , 29/06/1876	Notas aos visitantes (conselhos), detalhes de objetos expostos e observação como o evento tem sido importante para se selar negócios.
<i>The Elk County Advocate</i> , 13/01/1876	Relato do pedido do Arcebispo de Filadélfia ao Papa para que disponibilize objetos na exposição que ocorrerá.
<i>Juniata Sentinel and Republican</i> , 09/02/1876	Detalhes: preço do pacote da pipoca.
<i>The Somerset Herald</i> , 30/09/1876	Discussão sobre abertura da exposição aos domingos. Se são objetos de Deus aí expostos, a visitação a eles poderia ser feita no primeiro dia da semana, defende o autor do artigo. “It is generally known that at the opening of the Centennial Exposition at Philadelphia there was quite a spirited controversy in and outside the Commissions, as whether the exhibition should be accessible to the public on Sundays [...] Many, if not a majority, hold that to visit the display of the works of nature and arts, leading men’s thought up from both the Great Author and Artificer, is a means of religious instructions [...]”
<i>Clearfield Republican</i> , 24/05/1876	Dois terços da primeira página relatam o dia de abertura da Exposição (dia anterior ao da edição do jornal). Apresenta detalhes do público que se concentrou antes da abertura dos portões e o júbilo que demonstrava. Em estimativa de veracidade pouco provável, mesmo com parâmetros atuais de número de visitantes em grandes eventos, afirma a existência de 250 mil visitantes no dia da abertura. “The whole locality here was alive with patriotism; the people cheered, the sun begun to shine, the wind to blow and the flags to wave.” “From calculations made with reference to the cash receipts at the gates and the invitations assured to persons of distinction it is estimated that the visitors to the exhibition yesterday numbered at least 250,000.”
<i>Clearfield Republican</i> , 14/06/1876	Pequena nota sobre visitantes.
<i>Juniata Sentinel and Republican</i> , 19/07/1876	Observações descritivas sobre produtos expostos
<i>The Centre Reporter</i> , 24/08/1876	A participação do Japão no evento: detalhes do país e itens em exposição no pavilhão nacional japonês.
<i>The Centre Reporter</i> , 07/09/1876	Pouco impacto no setor de serviços e estruturas turísticas da cidade. “The Centennial Exposition has proved a sad disappointment to the proprietors of hotels, restaurants, eating houses and saloons outside the Exposition grounds. The large hotels in the immediate vicinity have a great many vacant rooms, [...] the outside shows, whose name was legion, have fared worse than the restaurants and saloons, [...]”

Quadro 2. Continuação.**Chart 2.** Continuation.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>Juniata Sentinel and Republican</i> , 31/01/1877	Pequena nota sobre preço de produtos comercializados no interior da Exposição.
<i>The New Bloomfield</i> , 10/04/1877	Informativo.
<i>The Carbon Advocate</i> , 08/12/1877	Anúncio de produto à venda, com referência à Exposição.
<i>The Carbon Advocate</i> , 15/12/1877	Anúncio de produto à venda, com referência à Exposição.
<i>The Carbon Advocate</i> , 02/02/1878	Anúncio de produto à venda, com referência à Exposição.
<i>The Carbon Advocate</i> , 16/03/1878	Anúncio de produto à venda, com referência à Exposição.
<i>The Carbon Advocate</i> , 13/04/1878	Anúncio de produto à venda, com referência à Exposição.
<i>The Carbon Advocate</i> , 20/04/1878	Anúncio de produto à venda, com referência à Exposição.
<i>Juniata Sentinel and Republican</i> , 25/09/1878	Menção indireta

Fonte: Biblioteca do Congresso Norte-Americano. Principais jornais por estado, digitalizados, selecionado material das primeiras páginas. Encontradas 253 chamadas no total. Selecionadas 20 das primeiras páginas. Obs.: Os anos pesquisados foram 1876, 1877, 1878.

Quadro 3. World’s Columbian, Chicago, 1893. Referência em jornais do estado de Illinois.**Chart 3.** World’s Columbian, Chicago, 1893: Mentions in the State of Illinois newspapers.

Jornal e data	Referências encontradas
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 25/02/1892	Pedido do presidente norte-americano de mais recursos para a Exposição junto ao Congresso.
<i>The Appeal</i> , 09/04/1892	Relato (positivo) de um visitante à área da futura Exposição.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 21/05/1892	Informação sobre itens a serem expostos na Exposição. Comentário sobre os “grandes” resultados a serem obtidos com a Exposição, porém com a lembrança de que os valores pagos aos seus organizadores devem ser reduzidos.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 01/06/1892	Nota de apoio à “estatização” da Exposição desde que essa seja fechada aos domingos.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 13/08/1892	Questões financeiras da Exposição (positivos)
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 23/09/1892	Nota sobre funcionamento da Exposição.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 21/10/1892	Relato apologético das construções para a futura exposição: “Hail Columbus! Chicago fitly commemorates his service to Humanity. The Magic City at Jackson Park.”
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 21/11/1892	Menção (positiva) ao evento.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 31/10/1892	Eventos do dia na área da futura Exposição.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 14/11/1892	Comentário do presidente da Exposição sobre política nacional
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 09/12/1892	Ampliação do prédio dos correios (estatal) em Chicago devido ao incremento nos serviços quando da realização da Exposição.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 20/12/1892	Discussão sobre fechamento da Exposição aos domingos.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 21/12/1892	Discussão sobre fechamento da Exposição aos domingos.

Quadro 3. Continuação.

Chart 3. Continuation.

Jornal e data	Referências encontradas
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 12/03/1893	Detalhes da abertura e funcionamento para visitantes
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 13/03/1893	Pequena menção.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 31/03/1893	Detalhes da abertura e funcionamento para visitantes
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 17/04/1893	Pequena menção.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 04/05/1893	Discussão sobre possibilidade de a Exposição abrir aos domingos. Requerimento dos empregados para aumento de salários.
<i>Chicago Eagle</i> , 06/05/1893	Liberação de funcionários públicos para visitar a Exposição.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 09/05/1893	Comentários sobre a abertura e contabilização do número de visitantes: 21 mil no primeiro dia.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 16/05/1893	Programação do dia. Questões operativas.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 17/05/1893	Discussão sobre a abertura da Exposição aos domingos.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 27/05/1893	Discussão sobre possibilidade de a Exposição abrir aos domingos. Comentários elogiosos: “The American Newspaper Publishers’ Association [...] exercises admiration for the magnificent work of the people of Chicago on behalf of the World’s fair and declares that the Columbian exposition now held in the White City at Jackson Park surpasses all promises and exceeds all expectations.”
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 08/06/1893	Contabiliza visitantes do dia: 75 mil. Detalha visita de dignitários.
<i>Chicago Eagle</i> , 10/06/1893	Uso indevido do nome da Exposição por profissional de banco.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 26/06/1893	Programação do dia. Boicote de Metodistas à Exposição por essa abrir aos domingos.
<i>Chicago Eagle</i> , 22/07/1893	Notícia de acidente na área da Exposição.
<i>Rock Island Daily Argus</i> , 08/08/1893	Discussão no Congresso norte-americano sobre a ampliação do período de funcionamento da Exposição. Discussão sobre a manutenção dos edifícios inicialmente pensados para serem efêmeros.
<i>Rock I. Daily Argus</i> , 09/08/1893	Detalhes da programação do dia
<i>Rock I. Daily Argus</i> , 20/09/1893	Eventos do dia na Exposição.
<i>Rock Island Argus</i> , 22/03/1894	Questões empregatícias resultantes da realização da Exposição.

Fonte: Biblioteca do Congresso Norte-Americano. Principais jornais por estado, digitalizados, selecionado material das primeiras páginas. Encontradas 225 chamadas ao total. Selecionadas 35 das primeiras páginas. Obs.: Os anos pesquisados foram, 1892, 1893 e 1894.

Quadro 4. Pan American Exposition, Buffalo, 1901. Referências em jornais do estado de New York.

Chart 4. Pan American Exposition, Buffalo, 1901: Mentions in the State of New York newspapers.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>New-York Tribune</i> , 21/05/1901	Destaque editorial para figura com os edifícios da Exposição. Referências elogiosas e grandiosas a ela: “To-day it is felt, far more than it has been felt at any time before, that the Pan American Exposition is an accomplished fact [...]. To-day all who have known the Exposition before looking about them and say: This is something different!” “It is now open! The New York Central and the Shore will average a train every hour to Buffalo. Everyone who is interested in American progress should see it.”

Quadro 4. Continuação.**Chart 4.** Continuation.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>The Sun</i> , 06/06/1900	Pequena menção à próxima Exposição: Louisiana Purchase Exposition.
<i>The Sun</i> , 20/06/1900	Relato da possibilidade de os EUA estreitar laços econômicos e políticos com as demais nações a partir da Exposição.
<i>New-York Tribune</i> , 15/10/1900	Menção às obras da Exposição.
<i>New-York Tribune</i> , 25/02/1901	Descrição de obras de artes adquiridas para a Exposição.
<i>New-York Tribune</i> , 22/04/1901	Menção a possíveis atrasos nas obras da Exposição e declaração do presidente dos Estados Unidos de que os prazos seriam cumpridos: “President Buchanan said to-night: we are going to open of the first of May: You may be sure of that. We will, if necessary, put on 10,000 men and work there in day and night shifts...”
<i>New-York Tribune</i> , 02/05/1901	Imagem com destaque da Exposição. Texto anunciando a abertura, descrevendo seu aspecto cívico e grandioso. Relato dos discursos de autoridades.
<i>New-York Tribune</i> , 04/05/1901	Destaque para imagem das autoridades na abertura.
<i>New-York Tribune</i> , 06/05/1901	Relato de grupo de jornalistas de Nova York em visita à Exposição: “A band of Pan American Exposition boomers left Buffalo today for New York [...] The verdict was that Buffalo had arranged a show, which was genuinely interesting and well worthy of a visit.”
<i>New-York Tribune</i> , 25/05/1901	Menção indireta.
<i>New-York Tribune</i> , 01/06/1901	Pequena nota de aviso sobre a abertura da Exposição.
<i>The Sun</i> , 02/06/1901	Menção à visita de autoridades.
<i>New-York Tribune</i> , 10/06/1901	Relato de visita de autoridades do governo norte-americano.
<i>New-York Tribune</i> , 18/06/1901	Menção indireta.
<i>The Sun</i> , 20/06/1901	Menção indireta.
<i>New-York Tribune</i> , 21/06/1901	Propaganda de excursões de Nova York a Buffalo para visitar a Exposição.
<i>The Sun</i> , 22/06/1901	Menção à visita de autoridades.
<i>New-York Tribune</i> , 23/06/1901	Anúncio de venda de excursões de Nova York para a Exposição, em Buffalo.
<i>The Sun</i> , 26/06/1901	Relato de crianças que fogem dos pais para visitar a Exposição.
<i>The Sun</i> , 12/07/1901	Menção indireta.
<i>New-York Tribune</i> , 06/09/1901	Longa descrição do programa do dia na Exposição e da visita do presidente norte-americano.
<i>New-York Tribune</i> , 07/09/1901	Destaque editorial para notícia de tentativa de ataque ao presidente norte-americano durante cerimônia de abertura da Exposição. Reprodução e descrição do Edifício The Temple of Music, um dos ícones da Exposição.
<i>New-York Tribune</i> , 08/09/1901	Menção à tentativa de assassinato do presidente norte-americano na abertura.
<i>New-York Tribune</i> , 10/09/1901	Relato do grave estado de saúde de presidente da Exposição.
<i>New-York Tribune</i> , 11/09/1901	Menção indireta.
<i>New-York Tribune</i> , 18/09/1901	Menção indireta.
<i>New-York Tribune</i> , 22/08/1901	Menção ao veto do Congresso chileno de não apoiar financeiramente a vinda de comitiva à Exposição, deixando o país excluído do evento.
<i>The Evening World</i> , 23/09/1901	Menção indireta.

Quadro 4. Continuação.

Chart 4. Continuation.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>New-York Tribune</i> , 26/09/1901	Pequena nota (repetida): “If you have a week’s vacation and will spend it in the Pan American Exposition you will learn more than what your country has done and is doing than you could in a year in any other way.”
<i>New-York Tribune</i> , 01/10/1901	Pequena nota: “If you have a week’s vacation and will spend it in the Pan American Exposition you will learn more than what your country has done and is doing than you could in a year in any other way.”
<i>New-York Tribune</i> , 06/10/1901	Menção ao dia de Nova York na Exposição.
<i>New-York Tribune</i> , 08/10/1901	Informativo do funcionamento da Exposição.
<i>New-York Tribune</i> , 12/10/1901	Informativo do funcionamento da Exposição.
<i>New-York Tribune</i> , 27/10/1901	Propaganda de excursões de Nova York a Buffalo para visitar a Exposição, já próxima do encerramento: US\$ 5,50, incluindo passagem de trem.
<i>New-York Tribune</i> , 28/10/1901	Propaganda de excursões de Nova York a Buffalo para visitar a Exposição, já próxima do encerramento: US\$ 5,50, incluindo passagem de trem.
<i>New-York Tribune</i> , 31/10/1901	Propaganda de excursões de Nova York a Buffalo para visitar a Exposição, já próxima do encerramento: US\$ 5,50, incluindo passagem de trem.
<i>The Sun</i> , 07/09/1901	Página inteira sobre presidente norte-americano baleado na Exposição.
<i>The Sun</i> , 10/09/1901	Comentários sobre a situação do presidente baleado.
<i>New-York Tribune</i> , 01/01/1902	Destaque editorial para a programação havida na Exposição.
<i>The Evening World</i> , 05/03/1902	Menção à demolição do edifício Trip to the Moon, da Exposição e sua construção em Nova York (posteriormente destruído por vendaval).
<i>The Sun</i> , 27/12/1902	Menção indireta.

Fonte: Biblioteca do Congresso Norte-Americano. Principais jornais por estado, digitalizados, selecionado material das primeiras páginas. Encontradas 958 chamadas ao total. Selecionadas 44 das primeiras páginas. Obs.: Os anos pesquisados foram 1900, 1901, 1902 e 1903. Inseriu-se seleção de matérias publicadas em 1900 devido à importância da Exposição. Para 1903 não se encontraram matérias na primeira página.

Quadro 5. Louisiana Purchase Exposition, St. Louis, 1904. Referências em jornais do estado de New York.

Chart 5. Louisiana Purchase Exposition, St. Louis, 1904: Mentions in the State of New York newspapers.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>The St. Louis Republic</i> , 30/06/1901	Grande destaque para confirmação do arquiteto responsável pelos projetos da Exposição: Isaac S. Taylor
<i>The St. Louis Republic</i> , 16/06/1901	Louisiana Purchase Company requer imposição de regras construtivas, incluindo demolições, para garantir a paisagem desejada no entorno da área da Exposição. “The Executive Committee of the Louisiana Purchase Company [...] is giving attention not only to the ground which will form the site, but is working to keep the land surrounding the great fair free from disfiguring structures, occupied by undesirable tenants.”
<i>The St. Louis Republic</i> , 22/08/1901	Reprodução do convite do presidente dos Estados Unidos: “In the name of the United States, I invite all nations of the Earth to take part in the commemoration of the Louisiana Purchase. William McKinley.”
<i>The St. Louis Republic</i> , 19/04/1902	Visita de Santos Dumont ao canteiro de obras. Discussão sobre a necessidade de mais recursos para a realização do evento.
<i>The Farmington Times and Herald</i> , 01/01/1903	Relato do espírito de fraternidade entre os estados norte-americanos para integrar os esforços de realização da Exposição.
<i>Potosi Journal</i> , 25/03/1903	Crítica aos jornais de St. Louis por transformarem o evento em “an incident to the greatness of Dave Frances”. [presidente norte-americano]
<i>The Lexington Intelligencer</i> , 28/03/1903	Grande destaque para o projeto do edifício The Tower of the Manufactures, a ser construído para a Exposição.

Quadro 5. Continuação.

Chart 5. Continuation.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>The Lexington Intelligencer</i> , 09/05/1903	Elogios gerais e descrição do edifício The Palace of Art.
<i>The St. Louis Republic</i> , 29/04/1904	Destaque para autoridades presentes na abertura da Exposição.
<i>Monroe City Democrat</i> , 30/04/1903	Grande destaque para debate sobre quem foram os autores da proposta inicial de se realizar a Exposição.
<i>The Butler Weekly Times</i> , 05/05/1904	Relato da euforia da população no momento da abertura pelo presidente Roosevelt (por telegrama): “When President Roosevelt in the White House at Washington pressed the Golden key that formally opened the great Louisiana Purchase Exposition to the world at 11:03, St. Louis went mad - deliriously, howling, screeching mad with joy.”
<i>The St. Louis Republic</i> , 03/05/1904	Destaque para o primeiro dia de abertura e menção ao grande número de visitantes.
<i>Chariton Courier</i> , 27/05/1904	Descrição positiva e comentários sobre pronunciamento do presidente norte-americano em relação à Exposição.
<i>The Jackson Herald</i> , 22/09/1904	Anúncio de excursão para visita à Exposição.
<i>The St. Louis Republic</i> , 29/11/1904	Programação do último dia da Exposição e cancelamento das aulas para permitir visitação de alunos.
<i>The St. Louis Republic</i> , 02/12/1904	Grande destaque editorial para último dia da Exposição e prestação de contas:
<i>The St. Louis Republic</i> , 27/10/1905	Nota com pesar a respeito do término da Exposição.

Fonte: Biblioteca do Congresso Norte-Americano. Principais jornais por estado, digitalizados, selecionado material das primeiras páginas. Encontradas 1.136 chamadas ao total. Selecionadas 126 das primeiras páginas. Resumidas neste quadro as mais específicas desta Exposição. Obs.: Os anos pesquisados foram 1903, 1904 e 1905; inseriu-se uma seleção de matérias publicadas em 1901 e 1902 devido à importância da Exposição.

Quadro 6. Inauguration of the Panama-Pacific International Exposition, São Francisco, 1915. Referências em jornais do estado da Califórnia.

Chart 6. Inauguration of the Panama-Pacific International Exposition, San Francisco, 1915: Mentions in the State of California newspapers.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>Sacramento Union</i> , 26/02/1914	Menção à boa receptividade dos convites para empresas, países e organizações participarem da Exposição.
<i>Sacramento Union</i> , 09/06/1914	Confirmação de obras decorativas que comporão a Exposição.
<i>Marin Journal</i> , 02/07/1914	Grande destaque para a arquitetura a ser utilizada na Exposição. “Greatest and most brilliant of World’s Exposition will be completed to last detail on opening day.”
<i>Pacific Rural Press</i> , 01/08/1914	Referências a eventos e ocorridos na Exposição e destaque para a importância das competições de produção rural para a economia do país.
<i>Marin Journal</i> , 02/07/1914	Texto apologético sobre a Exposição, com título: “Splendors of the Panama-Pacific International Exposition forecasted in marvels of Art and Architecture.”
<i>Marin Journal</i> , 14/01/1915	Anúncio da abertura com júbilo. “Panama-Pacific International Exposition, greatest and most marvelous of all celebrations, opens completed in every detail on Feb. 20, 1915: forty of the world’s great nations to join with America in celebrating the opening of the Panama Canal in a conclave unsurpassed in history.”
<i>Red Bluff News</i> , 15/01/1915	Anúncio da abertura com júbilo. “Wonderful Exhibits from all lands show the world’s best progress from beginning to end magnificent Panama-Pacific International Exposition will abound with superb educational and entertainment features.”

Quadro 6. Continuação.

Chart 6. Continuation.

Jornal e data	Referência encontrada
<i>Marin Journal</i> , 21/01/1915	Relato da visita do presidente dos Estados Unidos ao evento. “Big International Exposition’s amusement novel and wonderful. President Wilson will visit Panama-Pacific display of nations via Panama Canal.”
<i>Sausalito News</i> , 06/03/1915	Relatos em edições diárias do Jornal com detalhes da programação da Exposição.
<i>Sausalito News</i> 22/05/1915	Anúncio de eventos na Exposição.
<i>Marin Journal</i> , 01/04/1915	Menção sobre o Comitê Feminino da Exposição e arranjos em hotel para visitantes.
<i>Sausalito News</i> , 10/04/1915	Referências à programação do dia e fatos ocorridos na Exposição.
<i>Sausalito News</i> , 09/04/1915	Referências à programação do dia e fatos ocorridos na Exposição.
<i>Sausalito News</i> , 27/03/1915	Referência ao recorde de visitantes à Exposição.
<i>Sausalito News</i> , 06/03/1915	Relatos gerais e referência ao recorde de visitantes à Exposição.
<i>Sausalito News</i> , 13/03/1915	Relato de homenagem ao presidente Wilson na Exposição.
<i>Mariposa Gazette</i> , 10/04/1915	Referências à programação do dia e fatos ocorridos na Exposição.
<i>Mariposa Gazette</i> , 06/03/1915	Referência ao recorde de visitantes à Exposição. Referência a Exposições anteriores com menor número.
<i>Lompoc Journal</i> , 06/03/1915	Referência ao recorde de visitantes à Exposição.
<i>Lompoc Journal</i> , 10/04/1915	Referência ao recorde de visitantes à Exposição.
<i>Lompoc Journal</i> , 20/03/1915	Fatos diversos: exposição do retrato de Henry James, de objetos de história natural e de obras de arte em geral.
<i>Marin Journal</i> , 01/07/1915	Referências à programação do dia e fatos ocorridos na Exposição.
<i>Marin Journal</i> , 15/07/1915	Destaque para o evento da exposição do Liberty Bell (Sino da Independência dos Estados Unidos).
<i>Marin Journal</i> , 21/01/1915	Grande destaque para a visita do Presidente Wilson à Exposição. Destaque gráfico para os edifícios do evento.
<i>Marin Journal</i> , 14/10/1915	Grande destaque para a programação do dia (feriado estadual, em 2 de novembro), com entrada livre.
<i>Marin Journal</i> , 27/05/1915	Grande destaque para a programação do dia. Texto apologético.
<i>Marin Journal</i> , 03/06/1915	Grande destaque para a programação do dia. Texto apologético.
<i>Red Bluff Daily News</i> , 25/06/1915	Grande destaque para a programação do dia. Texto apologético. Destaque para visita e palestra da educadora Maria Montessori.
<i>Marin Journal</i> , 01/07/1915	Texto apologético sobre a Exposição, com título: “Everyone should see the historic Liberty Bell at the Panama-Pacific International Exposition. Millions to take part in greeting the historic relic at San Francisco, July 17 th , when the greatest patriotic celebration in the history of the west will be held.”
<i>Red Bluff Daily News</i> , 16/06/1915	Artigo elogioso sobre a programação da Exposição. Destaque gráfico para a Vila Asteca.
<i>Sacramento Union</i> , 18/03/1916	Visita de “notáveis” à Exposição e relatos da programação do dia.

Fonte: Para a Panama-Pacific International Exposition utilizou-se a fonte California Digital Newspaper Collection, da Universidade da Califórnia. Encontradas 2.188 menções ao total, com 36 em título de matérias. As aqui selecionadas traduzem o caráter majoritário das reportagens. Obs.: Os anos pesquisados foram 1914, 1915 e 1916.

grande consenso societário ultrapassa os limites do país sede e avança para o nível internacional avalista do mesmo propósito. Reforça-se, assim, a ideia das Exposições como um grande palco para um grande projeto que se quer indiscutível, pretensamente capaz de promover o consenso por meio de posturas transformadoras e difusoras de “um novo mundo”. O atributo das Exposições como grandes vitrines para o mundo do projeto daqueles que a organizam é também instrumental para aqueles que o criticam. No palco das Exposições, o simbolismo do atentado seguido da morte do presidente norte-americano William McKinley, na *Pan American Exposition*, em Buffalo, 1901, assim como o destaque recebido pelo fato na imprensa da época, ilustram essa conclusão. A escolha da abertura de uma Exposição para esse ato pode revelar a expectativa de repercussão nacional e mundial; oportunidade singular pela perspectiva do grande público e da cobertura da imprensa.

As descrições de edifícios, a despeito de em nenhum momento trazerem visões que pudessem questionar a insistente reprodução de estilos europeus e sempre com referenciais clássicos, foram oportunidades para uma determinada popularização de questões mais específicas do campo arquitetônico. A constante reprodução, com destaque, dos projetos, obras e usos dos edifícios utilizados para as Exposições de certo modo provocou um conhecimento entre os leitores dificilmente oportunizado em outros momentos. Todavia, essa mesma abundância de descrições encontradas no material selecionado silenciava uma importante disputa no campo arquitetônico norte-americano e internacional no período adotado da pesquisa. Irônico ou esclarecedor, o avanço de uma arquitetura futurista, anti-histórica ou modernista está ausente das Exposições selecionadas neste estudo; do mesmo modo, está ausente da mídia pesquisada o anúncio de uma nova arquitetura que se impunha. A atenção dada aos novos produtos e novos materiais trazidos pelas indústrias em ambiente de competição pelo ineditismo e pela qualidade não é dirigida à arquitetura, a qual já indicava um ostensivo desejo de mudança. A despeito da grande deferência dada à arquitetura nas Exposições, reconhecendo o valor imagético ou iconográfico dela, persistia a valorização do clássico, atributo ainda necessário para a confirmação de uma nação que desejava parecer “desenvolvida” e merecedora de mérito junto às demais. Deste modo, previsivelmente, nenhuma menção foi observada em termos de técnicas construtivas ou componentes das obras na mídia selecionada; o novo era então anunciado pelo envelhecido.

Da mesma maneira que uma arquitetura emergente ganhou pouco ou nenhum destaque nas Exposições do período analisado, questões relevantes, e polêmicas, de um mundo que se urbanizava restavam silenciadas. De modo geral, a imprensa selecionada reduzia disputas entre os diversos agentes sociais urbanos a meros encaaminhamentos administrativos. Questões fundiárias tais como valorização de terras, desapropriações, impactos

sobre o crescimento das cidades sede são relegadas em nome de outros objetivos, seja o da explícita imposição de uma nova imagem urbana, sejam os dos não revelados interesses de grupos imobiliários.

O Comitê Executivo da Louisiana Purchase Company [...] está dando atenção não apenas ao terreno que ocupará, mas está trabalhando para manter as terras ao redor da grande feira livres de estruturas que as desconfigurem ou que sejam ocupadas indesejadamente (The St. Louis Republic, 16/06/1901, tradução livre).

Tal qual se observa ainda hoje quando da realização de grandes eventos ou da implantação de grandes projetos urbanos (vide Gotham, 2011, para a Louisiana World Exposition, de 1984 e Olds, 2010, para a Expo '86, em Vancouver), a implantação das cinco Exposições selecionadas acima impõe uma política de redução de eventuais conflitos com seus interesses, seja no uso direto dos terrenos escolhidos, seja até mesmo na eliminação de estruturas civis, usos e apropriações que possam “desfigurar” a nova imagem oficial da cidade que se pretende criar.

A euforia que pareceu sempre estar presente nestes momentos das chamadas Exposições Históricas certamente não permitiu questionar a celebração dos avanços de um século que simulava ou construía um novo significado de modernização, agora por meio dos avanços industriais. De fato, no material analisado não se observou qualquer crítica nesse sentido. No grande volume de fontes utilizadas para verificar como as Exposições selecionadas foram entendidas por ou apresentadas a seus contemporâneos, não se observou qualquer debate a respeito de seus temas intrínsecos; ou seja, o grande tema jamais se sujeitou a visões antagônicas. Ao contrário, no lugar de uma possível polêmica, tal qual observado atualmente, houve sempre uma apologia generalizada. Ainda que reconhecendo o fato de que jornais não constituem, em geral, um meio propício para grandes questionamentos do senso comum, tendendo a veicular posições medianas, chama a atenção, em meio ao grande volume de fontes analisadas e à diversidade de jornais selecionados, a ausência de qualquer crítica à sociedade urbana da época. O retrato que Edith Wharton, em *The Age of Innocence* (2004 [1920]), elaborou deste período da história norte-americana e sobretudo dos hábitos sociais em Nova York é seminal. Havia, neste período, uma sociedade que “temia mais o escândalo do que a doença, que colocava a decência acima da coragem” (Wharton, 2004 [1920], p. 97, tradução livre). Esta é uma postura que, ampliada para a leitura técnica e acadêmica da cidade, persistiria por muito tempo. Ainda em 1975, por exemplo, artigo de David Donnison criticaria planejadores e pesquisadores por sua fé absoluta nas questões físicas da cidade, destacando-se o seu zoneamento de uso e ocupação do solo, em detrimento de questões verdadeiramente sociais ou políticas: “A idade de inocência passou. [...] Pesquisadores devem [...] tentar entender os processos que

determinam o acesso às oportunidades [...]” (Donnison, 1975, p. 270, tradução livre).

Para o recorte temporal e fontes analisadas, a pretenção inocência observada pelos autores acima parece aqui ser mais evidente, não revelando sequer críticas ou polêmicas isoladas sobre o uso e apropriação das cidades. Entretanto, o grande volume de recursos aplicados, a temática adotada ou as prioridades de governo que se evidenciam na proposta e organização das Exposições Internacionais, antes de indicarem um grande e impossível consenso, sugerem a dormência de conflitos de interesse a buscar outros canais de expressão ou de legitimação. A partir das matérias encontradas na mídia selecionada é, pois, possível visualizar um cenário de suspensão, onde toda a vida urbana parece gravitar ao redor da programação das Exposições e de suas questões operacionais, mesmo que de menor importância. Este seria um fenômeno característico de uma “indústria da informação”, na qual se constroem pautas voltadas para atender a interesses variados: de forças econômicas socialmente dominantes a preferências individuais de jornalistas e editores. Como os jornais em seu conjunto constituem um campo relativamente autônomo, cria-se um círculo de interesses que se reforçam ou se contrapõem, porém envoltos na lógica da concorrência pelo interesse do público e dos anunciantes. Há sempre um conjunto de temas de interesse, que se repete de maneira mais ou menos uniforme em todos os jornais analisados, guardando em comum o júbilo patriótico e cívico, e excluindo todo o restante de uma realidade feita fugidia e impalpável.

O apelo que tais eventos exerciam sobre a população de modo geral – as massas – foi também observado entre intelectuais. A *Louisiana Purchase Exposition*, por exemplo, contou com a visita e palestra de Max Weber e Henri Poincaré (Lin, 2011). No caso de Max Weber, bastante discutido pela sociologia internacional, sua fala, todavia, reiterou entendimento sobre o fim da distinção entre o urbano e o rural e, portanto, sobre a inexistência do paraíso agrário defendido por Thomas Jefferson (Mehrhoff, 2011). Ao ser convidado para proferir palestra sobre o mundo rural na Exposição, Weber teria afirmado haver um engano no tema sugerido: “A sociedade rural, separada da comunidade social urbana, não existe na atualidade em grande parte do mundo civilizado” (Weber, in Mehrhoff, 2011, p. 44, tradução livre). Ainda que isoladamente, tal afirmação pode sugerir um enfrentamento ao “grande projeto”, porém não foi reproduzido como tal na mídia da época. Outros intelectuais foram igualmente céticos ou críticos quando de suas visitas ou comentários sobre as Exposições do período analisado; entretanto, suas falas não são reproduzidas na mídia selecionada. Walter Benjamin referiu-se às grandes exposições do século XIX como “[...] locais de peregrinação ao fetiche da mercadoria” (in Ritzer et al., 2001, p. 422, tradução livre); Leon Tolstói teria se referido à *World’s Columbian Exposition*, de Chicago, em 1893, como exemplo de

imprudência, hipocrisia e desejo de lucro (Rydell, 1993); Rowe cita Simmel, referindo-se à *Berlin Trade Exhibition*, de 1896, que falaria de um “tipo fundamental de socialização humana” para o consumo de produtos (Rowe, 1995, p. 257, tradução livre).

A leitura dos jornais selecionados em ordem cronológica, e não em termos de relevância (volume de citações ao evento por edição ou na primeira página), permitida pela fonte utilizada, sugeriu a realização da análise em três momentos: o anterior, o concomitante e o posterior à realização de cada uma das cinco Exposições. A hipótese que se tinha era a de um incremento no volume de críticas quando do término dos eventos, conforme observado relativamente aos da atualidade. Tal exercício, no entanto, não revelou nenhuma alteração em termos de críticas na fonte analisada; ao contrário, ao se aproximar o encerramento de cada uma das Exposições, o conteúdo das matérias revela o pesar por um entretenimento que acabava e uma curiosidade por aquele que o seguiria. O término das Exposições analisadas parece, pois, deixar mais “saudades” de um entretenimento que dificilmente retornará à cidade ou região do que propriamente um momento de reflexão sobre os reais resultados e impactos.

A Louisiana Purchase Exposition fechará à meia-noite de quinta-feira, 01 de dezembro de 1904. Embora passe a ser uma das maravilhas do passado, muitas pessoas desta e de nações estrangeiras nos próximos anos estarão imbuídas de lembranças agradáveis e benefícios dela decorrentes (The St. Louis Republic, 29/11/1904, primeira página, tradução livre).

Por último, também consideradas no nível dos não-ditos, as fontes selecionadas não discutem criticamente a fonte e a prioridade dos recursos para a realização das Exposições. Tais eventos, a despeito de serem propostos, implementados e geridos por entidades privadas, sempre contaram com uma participação efetiva, em termos políticos e financeiros, dos governos municipal, estadual e, sobretudo, federal. No caso da *Louisiana Purchase Exposition* (1904), cujo nome referencia um fato nacional – a compra da Luisiana pelos Estados Unidos –, quando de sua prestação de contas, esclarece:

Valor despendido pela Empresa Expositora: US\$ 22.000.000; valor gasto pelos Estados: US\$ 9.000.000; valor gasto por países estrangeiros: US\$ 8.500,00; valor gasto por concessões: US\$ 5.000.000; valor total: US\$ 45.000,00. [...] Os ingressos, cerca de US\$ 18.700.000 [...] Livre de dívidas (The St. Louis Republic, 02/12/1904, tradução livre).

De fato, a leitura das fontes selecionadas conforme quadros acima permite uma análise pelo que trazem de mais explícito, mas também por aquilo que não é discutido, pela oportunidade que se perde em não haver discussão sobre questões de interesse maior da sociedade, tais como as fontes dos recursos e os ganhos, diretos ou indiretos, que advêm destes empreendimentos em grande escala. Em se

tratando de eventos nos Estados Unidos, é importante considerar a maneira como tradicionalmente aí se encaram as relações entre os investimentos públicos e os privados, e, em geral, a privatização dos lucros obtidos destas relações. A história da evolução urbana de Nova York (Howard, 2007), por exemplo, mostra o quanto estas relações podem ser complexas, e, ao mesmo tempo, a grande aceitação pública (ao menos oficialmente) do fato de investidores imobiliários se apropriarem dos espaços públicos e lucrarem com isso. De modo similar, Speck (2013) demonstraria o quanto esta característica permanece inalterada nos investimentos contemporâneos nas cidades norte-americanas. Tal fato, se válido para o período referente às cinco Exposições estudadas, acrescentaria um fator explicativo, ainda que parcial, à ausência de debate sobre questões relativas ao uso do recurso público, às desapropriações, à implantação de infraestruturas públicas e às valorizações do solo urbano.

Com o pressuposto adotado neste artigo de que eventos como os das Exposições são catalisadores de questões diversas, ao menos no campo da gestão urbana, a não explicitação delas nas fontes analisadas é intrigante. Por um lado, reitera-se a ideia de que os temas na mídia analisada são estabelecidos por viés e interesse específicos, os quais intentam construir uma visão de mundo e de suas relações sociais de modo estrategicamente parcial; nesta complexa relação, aquilo que “o público quer” e o que as parcelas socialmente dominantes querem se torna propositalmente indistinguível. Por outro lado, em vários momentos da análise, fomos tentados a acreditar que o júbilo revelado e inquestionado continha de fato algo de verdadeiro e, por isso, não se outorgava qualquer espaço para outras questões. A despeito da abrangência das fontes utilizadas, potencialmente de diferentes matizes ideológicas e políticas, concluímos pelo reconhecido interesse subliminar daquilo que é divulgado pela imprensa. Ainda resta, para a confirmação mais precisa de uma posição ou de outra, a consideração das especificidades de cada uma das cinco cidades sede das Exposições. A circunstância do local e das forças sociais que atuavam no momento preciso da organização, realização e observação de eventuais legados de cada uma das cinco Exposições reduziria os riscos de conclusões mais gerais.

Considerações finais

A análise dos temas que caracterizam cada uma das Exposições aqui selecionadas sugere que houve sempre um forte desejo de se constituírem em vitrine das “grandezas” do país e da cidade sede. Para o caso das exposições contemporâneas, para além do interesse da imagem do país ou cidade sede e da realização de negócios com o capital local, há agora o interesse em constituir uma plataforma de debate para questões de interesse mundial, como o urbanismo na *Expo Shanghai* de 2010 ou alimentação saudável na *Expo Milão 2015*. Na explicação dessa

mudança estariam a globalização do capital nacional e a permanência da busca por enfoques com menor instigação à polêmica. O referencial teórico utilizado para este artigo revela que o intento da não polêmica está enfraquecido; os estudos da academia atual também reforçam essa crítica, indo além, questionando o próprio sentido da realização de tais eventos; estudos específicos sobre a veiculação do tema pela grande mídia contemporânea revelariam algo sobre o impacto deles: se reiterados de uma falsa idade da inocência, se capazes de produzirem ondas transformadoras relativamente à arquitetura e urbanismo, ou se meros reflexos passageiros.

Há uma concordância generalizada a respeito do tema das cinco Exposições Históricas pesquisadas que se busca replicar nas atuais; o que muda é a fonte de onde se expressam os desejos (antes as nações centrais, hoje, um mundo globalizado) e o foco dos interesses (antes um interesse industrial como motriz de um determinado desenvolvimento buscado, hoje um interesse social, pretensamente conciliatório). Em ambos os momentos, no entanto, permanece aquilo que pode ser absorvido pelas massas e servir de sinônimo para uma modernidade dita progressista, otimista e triunfante.

Rydell, em seu estudo sobre as exposições realizadas nos Estados Unidos no mesmo recorte temporal deste artigo (1876-1916), anuncia o júbilo generalizado em relação a esses eventos, tal qual aqui constatado. Mais que isso, reconhecia a intenção dos seus organizadores em “para impulsionar o desenvolvimento econômico das cidades e regiões em que eles foram realizados, bem como para impulsionar o crescimento material do país em geral” (Rydell, 1993, p. 2, tradução livre). Todavia, do mesmo modo que a análise das fontes selecionadas sugere, Rydell também reconhece as intenções estratégicas, tácitas ou não, das exposições em encapsularem uma realidade mais complexa e com compreensões dissidentes sobre si mesma.

Se uma das funções das exposições era tornar o mundo social compreensível, a direção das feiras tentava organizar a direção da sociedade a partir de uma perspectiva particular de classe. Estes eventos foram triunfos de hegemonia bem como edifícios simbólicos (Rydell, 1993, p. 2, tradução livre).

O presente artigo também teve como pressuposto encontrar uma crítica generalizada às Exposições na mídia selecionada, ao modo daquela observada no referencial teórico das suas congêneres contemporâneas. Em vários momentos da realização do artigo, o cenário que se tinha para esses eventos da segunda metade do século XIX ao primeiro quartel do XX sugeria, enganosamente, um grande consenso a respeito de um projeto de cidade e mesmo de país; o referencial teórico, mais que os documentos da mídia, alertou para um cenário potencialmente distinto.

Outro pressuposto que se tinha ao iniciar o artigo era de que o impacto e o interesse observados em relação às Exposições mais remotas no tempo não se reproduzem

nas suas similares contemporâneas. Se tal pressuposto está correto, confirma-se o entendimento já anteriormente anunciado por Lewis Mumford. Iniciou-se uma história em que cada evento e sua arquitetura, de um modo ou de outro, deixaram marcas, tal qual “*a stone in a pond*” [uma pedra no lago]. Tais marcas se firmaram seja como grandes e únicas referências, seja pela sucessão de reproduções que geraram: “*sometimes causing a ripple, sometimes a wave of architectural achievement*” [às vezes causando uma marola, às vezes uma onda de realização arquitetônica]. Essa mesma história, já com sinais de envelhecimento, terminaria, parafraseando-se Mumford, como “*a modest meteorite from another world*” [um modesto meteorito de outro mundo].

Referências

- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. 2002. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, Editora Vozes, 192 p.
- BACHELARD, G. 2002 [1938]. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro, Contraponto, 314 p.
- BALDASTY, G. 1992. *The Commercialization of News in the Nineteenth Century*. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 240 p.
- BARBUY, H. 1999. *A exposição universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo, Edições Loyola, 155 p.
- BOURDIEU, P. 1998. *On Television and Journalism*. London, Pluto Press, 110 p.
- CAPES. 2016. Banco de Teses. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 04/10/2015.
- DONNISON, D. 1975. The Age of Innocence is Past: Some Ideas about Urban Research and Planning. *Urban Studies*, 12(3):263-272. <https://doi.org/10.1080/00420987520080521>
- EMERY, E. 1984. *The Press and America: An Interpretative History of Mass Media*. New Jersey, Prentice Hall, 786 p.
- EVERDELL, W. 2000. *Os primeiros modernos*. Rio de Janeiro, Editora Record, 571 p.
- FINDLING, J.E. 1990. *Historical Dictionary of World's Fairs and Expositions, 1851-1988*. New York, Greenwood Press, 443 p.
- GARN, A. 2007. *Exit to Tomorrow: World's Fair, Architecture, Design, Fashion*. New York, Universe Publishing, 224 p.
- GOTHAM, K.F. 2011. Resisting Urban Spectacle: The 1984 Louisiana World Exposition and the Contradictions of Mega Events. *Urban Studies*, 48:195-214. <https://doi.org/10.1177/0042098009360230>
- HARTOG, F. 2014. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte, Autêntica, 63 p.
- HARVEY, D. 2000. *Spaces of Hope*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 293 p.
- HARVEY, D. 2001. *Spaces of Capital: Towards a Critical Geography*. New York, Routledge, 220 p.
- HOBSBAWM, E.J.E. 2002. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 532 p.
- HOFFENBERG, P.H. 2001. *An Empire on Display: English, Indian, and Australian Exhibitions from the Crystal Palace to the Great War*. Berkeley, University of California Press, 418 p.
- HOWARD, M.J. 2007. *New York – The Growth of the City*. New York, Chartwell Books, 106 p.
- KUHN, T. 2006 [1962]. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 259 p.
- LIBRARY OF CONGRESS. 2015. Site Oficial. Disponível em: <http://www.loc.gov/today/pr/2015/15-171.html>. Acesso em: 21/10/2015.
- LIN, J. 2011. *The Power of Urban Ethnic Places*. London, Routledge, 280 p.
- LUCKHURST, K.W. 1951. *The story of Exhibitions*. London/New York, The Studio Publications, 221 p.
- MEHRHOFF, A. 2011. *The Gateway Arch: Fact and Symbol*. Chicago, University of Illinois, 134 p.
- MOTTA, M.S. da. 1992. Antessala do paraíso, vale de luzes, bazar de maravilhas: a Exposição Internacional do Centenário da Independência, Rio de Janeiro, 1922. In: Seminário Cenários de 1922. Promovido pelo CPDOC, Rio de Janeiro, nov. 1992, p. 19-20. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6763/1033.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20/10/2015.
- MUMFORD, L. 1937. Sky Line. *The New Yorker*, New York. Disponível em: <https://www.newyorker.com/contributors/lewis-mumford/page/25>. Acesso em: 20/10/2015.
- OLDS, K. 2010. Urban Mega-Events, Evictions and Housing Rights: The Canadian Case. *Current Issues in Tourism*, 1(1):2-46. <https://doi.org/10.1080/13683509808667831>
- PESAVENTO, S. 1997. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo, Hucitec, 178 p.
- RITZER, G.; JURGENSON, N. 2001. Theories of Consumption. In: G. RITZER; B. SMART (ed.), *Handbook of Social Theory*. London, Sage Publications, p. 410-427. <https://doi.org/10.4135/9781848608351.n31>
- ROWE, D. 1995. Georg Simmel and the Berlin Trade Exhibition of 1896. *Urban History*, 22(2):216-228. <https://doi.org/10.1017/S0963926800000481>
- RYDELL, R.W. 1993. *World of Fairs: The Century of Progress Expositions*. Chicago, University of Chicago Press, 280 p.
- RYDELL, R.W.; FINDLING, J.E.; PELLE, K.D. 2000. *Fair America: World's Fairs in the United States*. Washington, Smithsonian Institution, 234 p.
- SANTOS, P.C. dos. 2013. Um olhar sobre as Exposições Universais. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Maceió. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362520918_ARQUIVO_CesarANPUH1.pdf. Acesso em: 20/10/2015.
- SAUSSURE, F. 1995. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 298 p.
- SPECK, J. 2013. *Walkable City: How Downtown can save America, one step at a time*. New York, North Point Press, 320 p.
- STEINBERG, S. 2007. Preface. In: D. MACEDO; S.R. STEINBERG (ed.), *Media Literacy: A Reader*. New York, Peter Lang, p. 7-15.
- THE GUARDIAN. 2015. Violence Overshadows Start of Milan Expo as Police and Protesters Clash. UK, 1 May, p. 13.34. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2015/may/01/milan-expo-violence-overshadows-opening-day>. Acesso em: 02/10/2015.
- ULTRAMARI, C.; ZAITTER, B.A.H. 2010. Grandes Projetos Urbanos e sua compreensão pela academia brasileira. *Biblio 3W: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, 5 ago., XV(883). Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-883.htm>. Acesso em: 03/10/2015.
- ULTRAMARI, C.; CIFFONI, A.L. 2014. Grandes projetos urbanos: a apologia do distante e o receio do perto. In: E.R. PEIXOTO et al. (org.), *Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília, Universidade de Brasília. Disponível em: <http://shcu2014.com.br/content/grandes-projetos-urbanos-apologia-do-distante-e-receio-do-perto>. Acesso em: 03/10/2015. <https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n13.2014.12045>
- WANG, J.; SUN, S. 2012. *Experiencing Nation Brands: A Comparative Analysis of Eight National Pavilions at Expo Shanghai 2010*. Los Angeles, USC Center on Public Diplomacy, 39 p.
- WHARTON, E. 2004 [1920]. *The Age of Innocence*. New York, Barnes and Noble, 332 p.

Submetido: 20/09/2017
Aceito: 26/04/2018